

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
I SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

**APRENDIZAGEM E DISLEXIA: CONTRIBUIÇÃO DA BIBLIOTECA NO INCENTIVO
À LEITURA**

Claudia Santos Costa

claudia.sancos@yahoo.com.br

Maria Erilene Alencar

erilene_am@yahoo.com.br

SÃO PAULO
NOVEMBRO DE 2009

APRENDIZAGEM E DISLEXIA: CONTRIBUIÇÃO DA BIBLIOTECA NO INCENTIVO À LEITURA

Claudia Santos Costa

claudia.sancos@yahoo.com.br

Maria Eriene Alencar

erilene_am@yahoo.com.br

RESUMO

Discorre a respeito da dislexia no âmbito escolar e destaca o papel do bibliotecário no auxílio à detecção desse distúrbio e a importância de sua atuação no estímulo ao desenvolvimento escolar de crianças disléxicas. Fundamenta-se em levantamento bibliográfico e pesquisas on-line. Para se atingir aos objetivos propostos, pretende-se localizar na cidade de São Paulo, bibliotecas escolares nas zonas norte, sul, leste, oeste e central; uma biblioteca particular e uma pública em cada zona. Cada escola deverá ter um número considerável de alunos disléxicos, a fim de que se possa comprovar como se dá o atendimento a esses alunos. Foi elaborado questionário direcionado aos bibliotecários dessas instituições contendo nove perguntas fechadas. Pretende-se por meio dos resultados, demonstrar como os profissionais lidam com o problema e propor sugestões acerca do trabalho que estes podem desenvolver.

Palavras-chave: Dislexia, Distúrbios de aprendizagem, Biblioteca escolar, Incentivo à leitura

INTRODUÇÃO

Dentre os problemas relacionados à aquisição e desenvolvimento da leitura e escrita, e conseqüentemente ao gosto por ambas, um dos mais freqüentes, embora dificilmente diagnosticado, é a dislexia, um inimigo silencioso que compromete seriamente o processo de ensino-aprendizagem.

Assim como a escola, a biblioteca escolar tem papel importante no processo de ensino-aprendizagem, devendo atuar no sentido de estimular não apenas o gosto pela leitura, como também o aprendizado contínuo e o desenvolvimento do indivíduo. Por isso, entende-se que é também de sua responsabilidade dedicar atenção especial aos alunos portadores de dislexia, fornecendo materiais especiais e desenvolvendo atividades que os auxiliem no processo de aquisição da leitura, decodificação de palavras e memorização.

Pretende-se aqui apresentar informações obtidas durante o desenvolvimento do projeto de trabalho de conclusão do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da FESPSP, trabalho este que ainda se encontra em fase preliminar. Os objetivos do trabalho são: apresentar a biblioteca escolar e o bibliotecário como importantes agentes no auxílio ao diagnóstico e desenvolvimento da prática da leitura em crianças portadoras de dislexia; observar como as bibliotecas escolares atuam em relação ao problema e ao atendimento às crianças portadoras; verificar se a biblioteca escolar já auxilia de alguma forma no diagnóstico e desenvolvimento de alunos disléxicos.

A fundamentação do projeto iniciou-se com um levantamento bibliográfico a respeito do tema proposto, realizado por meio da leitura de autores especializados. Nessa etapa, foram levantadas as primeiras informações relacionadas às definições, histórico e tipos de dislexia, que serviram como embasamento para a construção dos primeiros capítulos.

Para a coleta dessas informações e acesso a outros materiais, foram realizadas também pesquisas on-line, por meio de ferramentas de busca, que permitiram o acesso a sítios como o da Associação Brasileira de Dislexia e ao Repositório Acadêmico da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, de Portugal, no qual foram localizadas monografias recentes e muito relevantes para a pesquisa. Para a recuperação da informação, foram utilizadas as seguintes palavras-chave: Dislexia; Distúrbios de aprendizagem; Dislexia sintomas. Para se atingir aos objetivos propostos, pretende-se localizar na cidade de São Paulo, bibliotecas escolares nas zonas norte, sul, leste, oeste e central, sendo escolhidas em cada zona uma biblioteca particular e uma pública. Serão escolhidas escolas que possuam um número considerável de alunos disléxicos, a fim de que se possa comprovar como se dá o atendimento a esses alunos. Também foi elaborado um

questionário direcionado aos bibliotecários dessas instituições contendo nove perguntas fechadas, sendo quatro de múltipla escolha e seis dicotômicas, três delas complementadas por perguntas de aprofundamento. O questionário será aplicado em uma próxima fase da pesquisa.

DISLEXIA

De acordo com Ianhez e Nico (2003) a primeira definição do termo dislexia (DIS= distúrbio; dificuldade + LEXIA= leitura (latim); linguagem (grego)) é do neurologista americano Samuel T. Orton, em 1925. Segundo ele, dislexia é uma dificuldade no processo de leitura, escrita, soletração e ortografia. Não é uma doença, mas um distúrbio, que se torna evidente na época da alfabetização, embora alguns de seus sintomas já se manifestem antes dessa fase.

A definição mais aceita atualmente é da International Dyslexia Association, elaborada em 1994 com base em definições anteriores:

A dislexia é um dos muitos distúrbios de aprendizagem. É um distúrbio específico de linguagem, de origem constitucional, caracterizado pela dificuldade em decodificar palavras simples. Mostra uma insuficiência no processo fonológico. Essas dificuldades na decodificação de palavras simples não são esperadas em relação à idade. Apesar de instrução convencional, adequada inteligência, oportunidade sócio-cultural e ausência de distúrbios cognitivos e sensoriais fundamentais, a criança falha no processo da aquisição da linguagem com freqüência, incluídos aí os problemas de leitura, aquisição e capacidade de escrever e soletrar (IANHEZ, NICO, 2003, p. 23; NICO *et al.*, 2000, p. 12).

Esse distúrbio ou síndrome se manifesta em problemas no processo de distinção ou memorização de letras e na ordenação, ritmo e ordenação de frases, prejudicando tanto a leitura quanto a escrita (TORRES e FERNÁNDEZ, 2002 *apud* FERREIRA, 2008).

Seguindo a mesma linha da International Dyslexia Association, Ianhez e Nico (2003) reforçam que, embora a dislexia seja um distúrbio de leitura e escrita, nem todo distúrbio de leitura e escrita pode ser considerado dislexia e que por isso é considerada um distúrbio específico de leitura e escrita.

As primeiras referências à dislexia começaram a surgir a partir da segunda metade do século XIX. Segundo Ianhez e Nico (2003), o problema foi citado em 1872 num trabalho de Reinhold Berlim e em 1897, por James Kerr. No âmbito da medicina, o primeiro trabalho seria de Morgan, em 1896, descrevendo o caso de um jovem que, apesar de possuir inteligência normal, apresentava incapacidade em relação à escrita, o que o autor denominou “cegueira verbal”. (RIBEIRO, 2008).

No início do século XX, psicólogos e educadores pouco se ativeram ao problema dos distúrbios específicos de linguagem. Ao mesmo tempo a classe médica não considerava em seus estudos o problema da sala de aula, o que contribuiu para uma significativa lacuna entre a recuperação das crianças e o problema. (IANHEZ e NICO, 2003; KAPPES *et al*, 2007).

Atualmente, os estudos mais recentes estão concentrados principalmente no campo psiconeurológico.

No Brasil, desde 1983, a Associação Brasileira de Dislexia atua com o objetivo principal de divulgar o problema, ajudar os disléxicos, realizar pesquisas e promover o diagnóstico e acompanhamento adequados.

No âmbito escolar, atualmente ainda são encontradas diversas dificuldades concernentes ao diagnóstico e acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem de crianças disléxicas. A proporção de crianças com o problema em sala de aula seria de aproximadamente de três a quatro para cada 25 alunos (IANHEZ e NICO, 2003), o que ressalta a importância da divulgação dos conhecimentos sobre o problema nas escolas e do esforço conjunto entre os profissionais que acompanham o aluno, entre eles o bibliotecário, que é também um importante agente no processo de ensino-aprendizagem e desenvolvimento das habilidades de leitura.

Tipos e subtipos

A criança disléxica manifesta dificuldades no processo de aprendizagem, afetando tanto a leitura como a escrita devido à dificuldade na distinção, memorização e agrupamento de letras, problemas de ordenação e estruturação das frases.

A dislexia não afeta apenas um tipo de grupo. Ela afeta tanto o crianças quanto adultos, mas existe uma distinção entre os dois grupos existentes de disléxicos. A dislexia adquirida geralmente afeta o público adulto. O indivíduo foi alfabetizado sem dificuldades e aprendeu a ler e escrever corretamente, mas devido a uma lesão, acidente vascular ou um

trauma, o desempenho em relação à leitura e à escrita passa a ter erros, afetando a capacidade adquirida previamente em compreender o significado ou significância de palavras escritas à mão. A dislexia evolutiva, também conhecida como dislexia de desenvolvimento é normalmente descoberta na infância, embora acompanhe o indivíduo por toda a vida, já que ainda não se descobriu uma cura para esse distúrbio (FERREIRA, 2008).

A criança disléxica apresenta dificuldades em relação à leitura e a escrita desde o início da aprendizagem. Esse tipo de dislexia é congênita e hereditária. Ela se manifesta através de um problema específico de maturação, mas se a criança receber ajuda adequada desde o início da aprendizagem, as dificuldades enfrentadas podem diminuir e ser corrigidas. (FERREIRA, 2008).

Segundo Sanchez e Rueda (1994 apud MOOJEN 1994?) a dislexia evolutiva é um transtorno específico nas operações envolvidas no reconhecimento das palavras que compromete, em maior ou menor grau, a compreensão da leitura.

Segundo Rodrigues [2008] além dos dois tipos de dislexia existem também alguns subtipos:

- **Dislexia central** – Quando a produção de palavras escritas ou a sua leitura é afetada.
- **Dislexia periférica** - Ocorre quando é afetado um modo de saída de vocalização e escrita.
- **Dislexia profunda ou fonológica** - Quando ocorrem erros semânticos. Ex. A pessoa lê “carro” em vez de “roda”. Também se caracteriza por uma grande dificuldade em ler palavras desconhecidas, mas o indivíduo pode ser reeducado fonologicamente através de exercícios que a faz tomar consciência fonética.
- **Dislexia de superfície ou ortográfica** - Dificuldade de ler palavras irregulares, ou seja, palavras que se lêem de forma diferente à da escrita. Ex. Em “guitarra” não se lê o “u”.

Sintomas mais comuns

Os primeiros sintomas de que uma criança pode apresentar dislexia, tendem a manifestar-se através de problemas de aprendizagem, dificuldades na linguagem oral (quando não há associação de símbolos gráficos às suas componentes auditivas), dificuldades em seguir orientações e instruções, dificuldades de memorização auditiva, problemas de atenção ou de lateralidade. Na leitura ou na escrita, a pessoa pode confundir

algumas letras, como por exemplo, f/v; p/b; ch/j; p/t; v/z: b/d etc., ou fazer possíveis inversões: ai/ia; per/pré; fla/fal; cubido/bicudo etc., ou ainda fazer omissões: livro/livro; batata/bata. O diagnóstico na fase de alfabetização, ou mesmo anteriormente a ela, é fundamental para que se inicie o tratamento e acompanhamento adequado, diminuindo assim as possibilidades de traumas e frustrações.

Muitas são as dificuldades que as crianças disléxicas enfrentam, principalmente na fase de alfabetização. Nessa fase são despertados interesses básicos, como o interesse pelas letras, a vontade de escrever e a leitura, mas com as crianças disléxicas isso se torna mais difícil. Elas também passam pelo processo de alfabetização, mas o processo é mais lento devido às várias dificuldades que enfrentam, tais como: dificuldades com a linguagem e a escrita; lentidão na aprendizagem; problemas com a memória de curto prazo; fraco desenvolvimento da atenção; falta de interesse em livros; lentidão nas tarefas de leitura; dificuldades com quebra-cabeças, com a percepção espacial e até mesmo em aprender rimas e canções.

O papel do bibliotecário

O bibliotecário deve estar preparado e atento para a possível identificação de quadros de risco, informando imediatamente aos professores que acompanham a criança. O contato com os professores, e se possível com os pais, a troca de informações e pedidos de auxílio quando necessário podem ser de grande valia. Segundo Lanhez e Nico (2003), informações sobre o desenvolvimento da criança, desempenho escolar e histórico familiar são de grande importância para o diagnóstico e tratamento. Não é necessário que o bibliotecário seja um especialista em dislexia, mas ele deve estar bem informado a respeito desse distúrbio e apto a auxiliar a criança em suas dificuldades.

As autoras também sugerem que para auxiliar a criança na leitura é recomendável que se leia para ela bons livros que a interessem, encorajando-a a ler todo tipo de texto que a agrade. Recomenda-se também permitir o uso de marcadores para seguir a leitura, gravar textos em áudio e utilizar canetas marca-texto para destacar trechos importantes. Pedir que a criança releia o título e explique, que veja as figuras e dê sua interpretação, rever o vocabulário, e pedir para que faça um desenho a respeito do que foi lido, também são ações que podem ser muito proveitosas. O computador também pode ser muito útil, pois permite à criança cometer erros sem correr o risco de receber críticas, o que as deixa mais seguras. Além disso, os erros podem ser facilmente corrigidos. Também pode ser útil o uso de processadores de palavras com verificação ortográfica.

Braggio, em folheto disponível no site da ABD (<http://www.dislexia.org.br/>), faz algumas sugestões voltadas aos professores, que também são importantes para a equipe da biblioteca:

- Deve-se tratar o aluno disléxico com naturalidade;
- É importante falar olhando diretamente para ele;
- Verifique sempre, de modo discreto, se ele demonstra estar entendendo o que está sendo dito;
- Observe se ele está se integrando com as outras crianças;
- Estimule-o e incentive-o a acreditar em si mesmo, a sentir-se capaz e seguro;
- Ofereça sugestões como “dicas”, “atalhos”, “jeitos de fazer”, “associações” que o auxiliem na memorização e na resolução de problemas;
- Evite pedir para que faça coisas na frente dos colegas, como ler em voz alta, por exemplo.

Além da necessidade de preparo do bibliotecário em relação ao problema, deve-se levar em consideração o fato de que é também fundamental que a biblioteca esteja equipada para oferecer opções de materiais que facilitem o acesso da criança disléxica à leitura e a auxiliem no processo de ensino-aprendizagem.

É consenso que o acervo de uma biblioteca escolar deve conter informações nos mais diversos suportes, desde livros, periódicos e mapas, até filmes e jogos educativos. No caso da criança disléxica, o acesso a suportes de informação especiais é fundamental ao desenvolvimento da aprendizagem, já que a mesma se desenvolve de maneira diferenciada. Não se trata apenas de incentivo à leitura, mas de oferecer ferramentas que auxiliem a criança a superar as dificuldades relacionadas a esse distúrbio de aprendizagem. Atualmente já existem no mercado softwares que prometem proporcionar a interação com o computador de maneira bastante natural. Esses programas lêem com voz bastante semelhante à voz humana, os textos escritos na tela do computador, convertendo números, datas, horas, abreviações e medidas em fonemas. Existem também jogos interativos e outros programas desenvolvidos por pesquisadores, que visam auxiliar a aprendizagem da criança disléxica. A Associação Brasileira de Dislexia desenvolveu um jogo de régua para leitura, sendo que cada uma das cinco régua possui diferentes funções: uma é usada para medir e para a tabuada, outra auxilia na leitura palavra a palavra, outra auxilia na leitura de cada linha, etc. Segundo informações oferecidas no site da instituição, a finalidade é auxiliar na fixação ocular tanto no espaço quanto na seqüência visual, ajudando na manutenção do

movimento ocular durante a leitura e auxiliando no desenvolvimento das estratégias de leitura.

Entretanto, embora seja fundamental que a biblioteca esteja devidamente equipada, a afirmação de Elizabeth M. Martucci (2005) no livro “Biblioteca escolar brasileira em debate”, organizado por Neusa Dias de Macedo, é bastante pertinente no que diz respeito à atitude da equipe da biblioteca escolar:

Os atendentes do setor de referência precisam desenvolver habilidades para “sentir” o usuário [...]. A biblioteca escolar pode ser toda estruturada com equipamentos de última geração, mas jamais se deve esquecer da importância de ter um contato direto com o aluno, fazendo-o sentir-se seguro e bem, para voltar novamente à biblioteca.

Assim, pode-se reafirmar que o papel do bibliotecário no atendimento e auxílio aos alunos disléxicos é fundamental e que, caso ele não tenha consciência de seu papel, nem mesmo uma biblioteca muito bem equipada pode atender às necessidades desses alunos a contento.

CONCLUSÃO

A dislexia é um problema extremamente freqüente no âmbito escolar, embora muitas vezes não seja diagnosticada imediatamente. É um problema que compromete seriamente o processo de ensino-aprendizagem e é fundamental que os profissionais que atuam nesse processo estejam preparados para encaminhar para o diagnóstico e para auxiliar a criança disléxica a lidar com suas dificuldades.

A biblioteca escolar tem a função de oferecer apoio ao plano pedagógico, fornecendo material adequado, desenvolvendo atividades de estímulo à leitura em conjunto com os professores e criando um ambiente favorável ao desenvolvimento do hábito de leitura. O bibliotecário, como os professores e coordenadores pedagógicos, deve estar apto para atuar no sentido de estimular não apenas o gosto pela leitura, como também o aprendizado contínuo e o desenvolvimento do indivíduo. A biblioteca deve estar preparada para receber todos os tipos de alunos, independente das dificuldades que eles apresentem e já que uma de suas principais funções é estimular o desenvolvimento do hábito de leitura, deve desenvolver estratégias para que alunos portadores de distúrbios de aprendizagem, como a dislexia, também sejam alcançados.

A proposta do trabalho é conscientizar o bibliotecário sobre a importância de sua atuação no sentido de auxiliar o aluno disléxico em seu caminho rumo à aquisição e

descoberta do prazer da leitura. Pretende-se, por meio dos resultados da pesquisa, mostrar como os profissionais lidam com o problema da dislexia no âmbito escolar e propor sugestões acerca do trabalho que estes podem desenvolver junto aos professores e até mesmo familiares.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Dislexia. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br/>>. Acesso em: 12 nov. 2009.

BRAGGIO, Mario Ângelo. **A inclusão do dislético na escola**. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br/>>. Acesso em: 12 nov. 2009.

FERREIRA, Isabel Maria da Costa. **Dificuldades específicas de aprendizagem: dislexia**. 2008. 88 f. Monografia (Especialização) – Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Porto, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.esepf.pt/handle/10000/123>> Acesso em: 17 abr. 2009.

IANHEZ, Maria Eugênia; NICO, Maria Ângela. O que é dislexia. In: _____. **Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares**. 11. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

KAPPES, Dany; FRANZEN, Gelson; TEIXEIRA, Glades; GUIMARÃES, Vanessa. Dislexia. Salvador: **Psicopedagogiabrasil**, 2007. Disponível em:

<http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/artigos_danykappes_dislexia.htm>.

Acesso em: 28 maio 2009.

MACEDO, Neusa Dias de. **Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2005. p. 388.

MANIFESTO IFLA/UNESCO para biblioteca escolar. Edição em língua portuguesa. Brasil, São Paulo. Disponível em:

<<http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2009.

MOOJEN, Sônia Maria Pallaoro. O papel do fonoaudiólogo/psicopedagogo e da escola na dislexia. **Associação Nacional de Dislexia**, Rio de Janeiro, maio [1994]. Disponível em: <<http://www.andislexia.org.br/artigo-AND-3.doc>>. Acesso em: 15 maio 2009.

NICO, Maria Ângela Nogueira; BIANCHINI, Maria Mônica N.; BARREIRA, Márcia Maria; GONÇALVES, Áurea Maria Stavale; CHINAITI, Renata. Introdução à dislexia. In:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. **Dislexia: cérebro, cognição e aprendizagem.** São Paulo: Frôntis Editorial, 2000. p. 11-16.

RIBEIRO, Florbela Lopes. **A criança disléxica e a escola.** 2008. 79 f. Monografia (Especialização) – Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Porto, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.esepf.pt/handle/10000/111>> Acesso em: 17 abr. 2009.

RODRIGUES, Carolina. Dislexia adquirida/ Desenvolvimento; Dislexia central/ Periférica; Dislexia profunda/ Superfície. **Psicóloga clínica Carolina Rodrigues**, [S.l.], maio [2008?]. Disponível em: <<http://psicologaclinica.blogs.sapo.pt/4263.html>>. Acesso em: 20 maio 2009.